

**REVISTA**  
**FAROL****EDIÇÃO ESPECIAL DE RESUMOS EXPANDIDOS**  
**ANAIS DO EVENTO XIX JORNADA CIENTÍFICA E XIV FAROL**  
**INTEGRAÇÃO**

ISSN Eletrônico: 2525-5908

revista.farol.edu.br

ISSN Impresso: 1807-9660

Ed. Especial. V. 3. N. 3. 2024 - SETEMBRO

Contato: revista@farol.edu.br

**AS CONTROVÉRSIAS CIENTÍFICAS DA PRÁTICA DA LOBOTOMIA:**

Uma discussão sobre a ética

Maria Eduarda Muniz dos Santos Michkinis<sup>1</sup>; Emanuely da Costa Moura Oliveira de Paula<sup>2</sup>; Kayque Figueiredo Machado<sup>3</sup>; André Tomaz Terra Junior<sup>4</sup>

**Resumo:** Diversas intervenções cirúrgicas já foram criadas para curar as doenças mentais, durante esse processo surgiu um procedimento cirúrgico destinado a tratar transtornos graves sendo batizado de lobotomia. O presente artigo busca analisar desde o surgimento da lobotomia até sua rejeição pela comunidade científica, examinando os principais fatores que contribuíram para sua polêmica e seu posterior declínio como procedimento médico. Este estudo, de caráter bibliográfico, utiliza uma abordagem histórica e analítica para examinar o desenvolvimento e aplicação dessa psicocirurgia, por meio de uma revisão de literatura de 11 artigos científicos, encontrados pelos sites de busca Google Acadêmico, SciELO, Jstor, Periódicos Capes e PubMed com o intuito de coletar dados históricos sobre esta cirurgia, na qual essa pesquisa ocorreu durante os meses de agosto a novembro de 2023. Os resultados destacam que a lobotomia era promovida como uma inovação médica, porém logo enfrentou críticas devido à falta de base científica em razão dos efeitos colaterais que acometiam os pacientes. Conforme terapias mais seguras e eficazes surgiram e se desenvolveram, esta psicocirurgia parou de ser realizada, evidenciando a importância da pesquisa científica junto à ética na evolução das práticas médicas, a fim de evitar potenciais consequências para os pacientes submetidos a procedimentos médicos.

**Palavras-chave:** Psicocirurgias; Leucotomia; História da Medicina; Bioética; História da Ciência.

**1 INTRODUÇÃO**

A lobotomia, também conhecida como leucotomia, foi realizada na década de 1930 em pacientes com distúrbios neurológicos, a técnica foi desenvolvida pelo neurologista Antônio Egas Moniz, consistindo na incisão de feixes fibrosos entre o tálamo e o lobo frontal,

<sup>1</sup> Acadêmico de Psicologia, Ciências Humanas - Psicologia e mahmichkinis@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico de Psicologia, Ciências Humanas - Psicologia e emanuellydacosta@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmico de Psicologia, Ciências Humanas - Psicologia e kayqueazu15700@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutor em Medicina, Ciências da Saúde e andretomaz@alumni.usp.br

utilizando um instrumento chamado leucótomo. Amplamente adotada em diversos países como uma forma de tratar psicoses, depressão profunda e comportamentos violentos, essa cirurgia foi aprimorada pelos cirurgiões norte-americanos Walter Freeman e James Watts, que introduziram a "leucotomia transorbital", um procedimento rápido que podia ser realizado em consultórios médicos (Cardoso, 2017).

No entanto, apesar de inicialmente eficaz na redução de comportamentos violentos e angústia em pacientes, a lobotomia mostrou-se associada a efeitos colaterais nocivos, como emocionalmente anestésiar os pacientes, comprometer a motivação, iniciativa e funções cognitivas avançadas. Com o surgimento de medicamentos eficazes para ansiedade, depressão e psicoses na década de 1950, aliado à percepção dos efeitos colaterais da lobotomia, a prática e suas variantes foram gradativamente sendo abandonadas, encontrando-se atualmente em desuso (Masiero, 2003).

A problemática central deste estudo reside na análise das controvérsias científicas em torno da prática da lobotomia. Embora tenha sido amplamente adotada como uma forma de tratamento para psicoses, depressão profunda e comportamentos violentos na primeira metade do século XX, a lobotomia mostrou-se associada a efeitos colaterais nocivos, como comprometimento das funções cognitivas avançadas, falta de motivação e iniciativa, além de emocionalmente anestésiar os pacientes (Longo; Arruda; Armbrust Figueiredo, 1956).

Deste modo, esta revisão literária tem por objetivo reunir os principais estudos e informações sobre os procedimentos utilizados na prática da lobotomia, suas consequências e impactos ao longo do tempo. Busca-se uma compreensão ampla sobre os aspectos abordados, avaliando a evolução das práticas, sua aceitação e rejeição ao longo do tempo, bem como seu impacto no desenvolvimento de outras formas de tratamento para doenças mentais.

## **2 METODOLOGIA**

Esta pesquisa realiza uma análise da lobotomia por meio de uma revisão bibliográfica que inclui documentos históricos e estudos de casos de pacientes submetidos a essa cirurgia. Foram encontrados 11 artigos científicos, sendo 9 nacionais e 2 internacionais, durante a consulta em plataformas como Google Acadêmico, SciELO, Jstor, Periódicos Capes e PubMed, utilizando os descritores lobotomia, leucotomia, psicocirurgias e neuromodulação. O período de pesquisa foi de agosto a novembro de 2023.

### 3 ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO

De um grupo de 54 pacientes que foram submetidos à lobotomia de um hospital privado, constatou-se que somente 23 deles apresentaram algum grau de melhora. Contudo, essa análise não incorpora os efeitos colaterais percebidos pelas famílias dos indivíduos submetidos à cirurgia como mudanças na personalidade, humor, afetividade e outros fatores relevantes que podem surgir de forma sutil, mas importante para avaliar a verdadeira melhora do paciente ao considerar não apenas os sintomas clínicos, mas também o bem-estar geral do indivíduo e a dinâmica familiar (Longo; Arruda; Armbrust Figueiredo, 1956).

Todos esses questionamentos corroboram para uma reflexão da atribuição do Prêmio Nobel a Egas Moniz por criar a lobotomia. Na época em que essa honra lhe foi concedida, as bases do conhecimento médico eram limitadas, porém, mesmo naquele período, já era possível perceber a incerteza em relação à possibilidade de uma recuperação completa dos indivíduos submetidos a procedimentos cirúrgicos cerebrais, com uma taxa de sucesso aproximada em 50% (Longo; Pimenta; Arruda, 1949).

A discussão sobre as verdadeiras intenções da lobotomia levanta diversas reflexões, já que ela era apresentada como uma tentativa de aliviar o sofrimento e melhorar a qualidade de vida dos pacientes visto que a cirurgia oferecia uma chance, ainda que mínima, de cura para os enfermos que sofrem de patologias psíquicas debilitantes. Ao mesmo tempo que também era impulsionada pela busca incessante de conhecimento sobre o funcionamento do cérebro humano. Esse conflito de interesses colocava em xeque a primazia das vontades individuais dos doentes, dando espaço para a busca pelo avanço científico baseada em atitudes antiéticas (Azevedo; Santana; De Freitas Cruz, [s.d]). Assim, a ética levanta questões relacionadas ao consentimento e à autonomia do paciente já que muitas vezes, as pessoas lobotomizadas não tinham plena compreensão das implicações da cirurgia (Barreto, 1945).

Para que um paciente fosse considerado completamente curado, era necessário mais do que simplesmente recuperar os sintomas “visíveis”. Era preciso que ele conseguisse reintegrar-se à sociedade, retomar suas relações familiares e voltar ao seu trabalho. No entanto, essa visão de melhora se mostrava quase inalcançável após a realização da lobotomia que implica na destruição de partes do cérebro (Tmory, 1949). Os resultados alcançados nunca foram, de fato, a cura, mas sim um estado dócil, de passividade muito distante da saúde e dos sintomas originais apresentados (Sacks apud Masiero, 2003).

A ausência de um método claro para estimar a melhora no quadro psicológico pode ser atribuída ao fato de que a cura não era o único objetivo das psicocirurgias. Se a cura fosse a única meta, esses procedimentos perdurariam por menos de duas décadas, pois ficou evidente que os benefícios limitados dessas intervenções não justificavam os riscos de danos físicos e mentais que os pacientes enfrentavam, caso não falecesse durante a cirurgia ou não desenvolvessem complicações futuras. Além disso, a escassez de alternativas terapêuticas também contribuiu para a continuidade desta prática, juntamente com outros objetivos, como a redução da superlotação nos manicômios e a busca pelo avanço científico por meio da experimentação (Longo; Pimenta; Arruda, 1949).

Inicialmente, as psicocirurgias eram realizadas em pacientes crônicos, aqueles que não tinham laços sociais ou familiares. No entanto, mesmo após a "cura", esses indivíduos não tinham para onde ir e muitas vezes permaneciam nas instituições, executando tarefas mais rotineiras pelo resto de suas vidas. Mesmo nesse estado, afetados fisicamente e psicologicamente pela cirurgia, a equipe médica não precisava mais fornecer os cuidados que anteriormente eram necessários, o que era vantajoso para a instituição (Cardoso, 2017).

Nos manicômios, os cirurgiões obtiveram um elevado campo de pesquisa, de onde podiam extrair informações da anatomia e da fisiologia cerebral, bem como o comportamento humano (Meyer, 1947). Todas essas situações reforçam ainda mais a discussão sobre a ética e a necessidade iminente de regras que norteassem experimentos e o uso de indivíduos nos mesmos. O emprego de seres humanos em pesquisas é uma prática que remonta a séculos em diversas culturas e regiões do mundo, muitas vezes guiada por padrões éticos variados (Ferreira, 2023).

Com o progresso no campo da psicologia e da psiquiatria surgiu o movimento da Revolução Psiquiátrica que representou uma mudança no paradigma sobre as doenças mentais, priorizando a prevenção e a intervenção precoce deixando de lado os métodos mais invasivos, como a lobotomia. Somando a ineficiência e imprevisibilidade desta psicocirurgia mais a consolidação da medicina psiquiátrica resultou no declínio desta prática, em razão que a adoção dos psicofármacos mudou a abordagem dos transtornos cognitivos, proporcionando alternativas eficazes e menos invasivas para o tratamento (Costa, 2022).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões éticas, é imperativo refletir sobre o consentimento informado, a autonomia do paciente e o equilíbrio entre o benefício coletivo e os riscos individuais. A falta de compreensão plena dos pacientes sobre as implicações da lobotomia levanta sérias dúvidas sobre a validade do consentimento. Além disso, o direcionamento da pesquisa médica pela curiosidade científica, em detrimento do bem-estar individual, levanta questões éticas cruciais.

Esses aspectos ressaltam a importância da pesquisa científica em conjunto com a ética na evolução das práticas médicas. É fundamental garantir que os procedimentos médicos sejam realizados de maneira ética e responsável, a fim de evitar potenciais consequências prejudiciais para os pacientes. A história da lobotomia serve como um lembrete das implicações graves que podem surgir quando a ética não é devidamente considerada na prática médica. Assim, é essencial que a pesquisa médica avance com responsabilidade e respeito aos princípios éticos, visando sempre o bem-estar dos pacientes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Samara Fernandes; SANTANA, Beatriz Agra Ramos; DE FREITAS CRUZ, Sérgio Ricardo. A Questão da Criminologia: Senso Comum e Psicologia. s.d

BARRETTO, Antonio Carlos. Lobotomia pré-frontal. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 3, p. 420-427, 1945.

CARDOSO, Camilie. A psicocirurgia em instituições da ordem pública e privada: difusão prático-científica da lobotomia pré-frontal. Khronos, n. 4, p. 116-131, 2017.

CLARO, Bruno Carlos Ferreira. Tentativas operatórias no tratamento de certas psicoses: projeto de publicação fotográfica. Tese de Doutorado. 2023

COSTA, V. J. S. *et al.* Fundamentos das psicopatologias e do psicodiagnóstico. Porto Alegre: Sagah, 2022.

FERREIRA, Nathalia Garcia et al. Lobotomia: uma revisão bibliográfica da técnica ao longo da história. In: Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar (ISSN-2527-2500) & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar. 2023.

LONGO, Paulino W.; ARRUDA, Joy; ARMBRUST FIGUEIREDO, J. Lobotomia transorbitária: resultados obtidos em 54 pacientes tratados em hospital privado. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 14, p. 273-284, 1956.

LONGO, Paulino W.; PIMENTA, A. Mattos; ARRUDA, Joy. Lobotomia pré-frontal. Resultados clínicos em hospital privado. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 7, p. 126-140, 1949.

MASIERO, André Luis. A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, v. 10, p. 549-572, 2003.

MAYER, Edward E. Prefrontal lobotomy and the courts. *J. Crim. L. & Criminology*, v. 38, p. 576, 1947.

TMORY, I. Lobotomy: Surgery for the Insane. *Stanford Law Review*, v. 1, n. 3, p. 463-474, 1949.

---

Recebido em maio de 2024  
Publicado em setembro de 2024

---